



**REDACÇÃO PRINCIPAL**  
**ALEXANDRE VIEIRA**  
Propriedade da Confederação Geral do Trabalho  
**EDITOR — JOAQUIM CARDOSO**

Redacção, administração e tipografia, Calçada do Combro, 52-A, 2.º  
Lisboa — PORTUGAL  
Endereço telegráfico: Talaba-Lisboa — Telefone 5339 0  
Officinas de impressão — Rua da Atalaia, 114 e 116

# A BATAILHA

## DIÁRIO DA MANHÃ — PORTA-VOZ DA ORGANIZAÇÃO OPERÁRIA PORTUGUESA

### A REPÚBLICA E A INSTRUÇÃO

Ainda temos nos nossos ouvidos o eco das frases sonoras com que os propagandistas republicanos enchiam a boca, quando, dos tablados dos comícios, queriam excitar a multidão, levá-la ao acto revolucionário que derrubaria sempre a monarquia portuguesa. Não nos queremos referir à estafada ária do bacalhau a pataco. Lembremos apenas aquelas deliciosas promessas com que se prendia o espírito simples do povo. Reconhecia-se nesse tempo a população portuguesa como das mais atrasadas da Europa. Falava-se da instrução popular como plano que esperava apenas o advento da república para ser prontamente executado.

Existia então nas massas populares, como existe agora, uma ânsia de saber, uma curiosidade que prometiam um apoio formidável a todas as obras de educação que, depois da república proclamada, se tentassem realizar.

Veio a república e a princípio fundaram-se por afins simulacros de escola, que outro préstimo não tiveram senão o de fornecer petizes para os inúmeros cortejos e manifestações caricatas acompanhadas de filarmónica, que então se fizeram. Enquanto houve verba essas escolas funcionaram e a reforma do ensino que nelas se ministrava consistia em trocar o catecismo pelos versos das *Escolas samitas*. Pouco a pouco esses abortos escolares foram desaparecendo, morrendo lentamente, não se sentindo a sua falta porque nunca haviam chegado a ser úteis.

A obra de instrução popular passou a ser assunto com o qual ninguém se preocupava. Os homens da república tinham mais em que pensar. As lutas mesquinhas pela causa do *pencho*, as intrigas que se faziam em volta da meta do orçamento tomavam-lhes todo o tempo.

Surgiu a guerra e tudo foi dispendido que havia e o que não havia em cadetes e espingardas. Tornou-se mais natural para o Estado gastar o dinheiro em fazer aprender os homens válidos a manejar a espingarda do que a empunhar uma pena. Terminou a guerra e a instrução continuou a ser a mesma palavra óca com que alguns políticos ociosos ainda especulam.

A percentagem do analfabetismo aumentou; a inconsciência das massas triplicou. O povo está perfeitamente embruteado pela fome, pelos jornais que defendem as várias *troupe* financeiras e falta de escolas.

As poucas escolas oficiais que existem vegetam miseravelmente; não tendo verba para a tinta nem para pagar aos desgraçados professores. Apenas algumas instituições particulares tentam caminhar através de todas as dificuldades e de todos os sacrifícios.

No entanto é este Estado, é este regime decadente e ferrugento como uma máquina que tivesse parado há muito, que se considera mais civilizado do que a Rússia soviética. Só quem for absolutamente cego não vê o contraste que existe entre as formas de proceder do governo soviético e do governo capitalista português. Enquanto o primeiro gasta rios de dinheiro em campanhas colossais a favor da instrução, o governo português esbanja a fortuna pública com os afilhados, com a manutenção dum exército formidável e com listas ao soldado desconhecido. Não há meia dúzia de vinténs que se possam destinar a uma obra útil. Na Rússia o Estado manda imprimir milhões de livros educativos e organiza combóios especiais que os levam aos recônditos lugares da província; a fundação de milhares de escolas é uma constante preocupação; o operário continua a receber o seu salário durante o tempo que frequenta a escola, de forma que a falta de recursos não justifica a falta de frequência escolar. Os nossos governantes não vêm, não querem ver quanto maiores se colocaram perante esse governo recém-formado, saído dum revolução que não se compara com a derrubada de 5 de Outubro, lutando contra o inimigo interior temível e contra a guerra exterior que as restantes partes do mundo lhe têm movido. A obra grandiosa da instrução na Rússia saltou por cima de todas essas dificuldades, prossegue sempre, *toma* *clan*, *envolve-se*, *frutifica*; organizam-se bibliotecas, salas de leitura, clubs educativos; substitui-se o vinho pelo livro; teatro de adulto pelo de *teat*; os *metat* *grafos* educativos são em maior número lá do que em todo o resto da Europa; fundam-se universidades; estabelece-se a organização do trabalho; criam-se par das escolas para analfabetos.

Os institutos para professores; ensinam-se aos camponeses os processos científicos de arrotear o campo; fazem-se campanhas no intuito de familiarizar o trabalhador rural com os modernos processos de cultura; não se detem nunca os homens que na Rússia tomaram a sua conta a instrução popular; exterminam-se o analfabetismo como quem destrói um animal nocivo, como quem purifica um ambiente onde uma dança contagiosa se pode desenvolver. Cria-se um mundo novo, cuja luz há de irradiar tam forte, tam fulgurante, tam intensa que aqueles que a não quiserem ver serão os primeiros a ficar deslumbrados.

A Rússia tem realmente defeitos. Nós não somos bolchevistas, temo-lo acentuado aqui muitas vezes, e notamos-lo. E' esse facto, porém, que mais autoridade moral nos dá para escrever como vimos escorrendo. Nós somos pela verdade. O assombroso desenvolvimento da instrução que na Rússia soviética se está operando é uma verdade incontestável.

Entendemos que a missão dos revolucionários de agora não é tentar logo a seguir à revolução erguer, à guisa de castelo de cartas, o monumento de beleza, com que todos nós sonhamos. A missão dos revolucionários de agora é a de arrear do caminho as grandes dificuldades: a propriedade privada, a centralização dos serviços públicos, o militarismo etc., e ao mesmo tempo ensinar o povo a ler, instruí-lo, porque quanto mais instruído e educado ele for tanto maiores são os horizontes que se lhe abrem na sua frente. Educar o povo é, pelo menos, torná-lo apto a realizar essa sociedade ideal, tendendo, de progresso em progresso, para a perfeição.

Esta obra educativa é capaz de realizá-la a república burguesa? Não. A sua estrutura especial não lho permite. A república é uma engrenagem defeituosa que só produz abortos. Quer que uma máquina de fazer pregos faça queijos é um absurdo tão grande como desejar que a república nos forneça homens sempre mais perfeitos. Diz-se por aí que se as coisas andam mal a culpa é dos homens da república e não da própria república. Mentira. A república é um colete de convenções estreitas que se veste a cada indivíduo; quer que a respiração seja regular, que o peito se não deflache com tal vestuário envergado é uma utopia. O defeito não é apenas dos homens. Estes são maus porque a república nem sequer lhes dá o direito de ser bons, exactamente como o colete estreito não permite o desenvolvimento dos pulmões de quem o usa. Deite-se o colete fora e os pulmões encher-se-ão de ar puro; atiremos com a república para o caixote do lixo e o homem será livre e escolherá um novo caminho que uma minoria revolucionária lhe indica.

E', portanto, a república que, por deficiência própria, não pode realizar a grandiosa obra de educação popular que a época requer. Não pode porque a república é a conjunção de privilégios duma classe. O maior inimigo dessa classe é a instrução popular. Reduzam-na a pó esse privilégio — os privilégios burgueses — e a educação tomará, como na Rússia, um incremento tanto maior, quanto menos afectar as classes predominantes. O desenvolvimento da instrução e educação populares vai até ao ponto onde a autoridade e o privilégio das classes dominantes começam. Em Portugal os privilégios burgueses são grandes e a instrução é pequena. Na Rússia os privilégios burgueses tendem a desaparecer e a instrução aumenta, cresce, invade os lugares que o preconceito burguês vai deixando vagos.

### NOTAS & COMENTÁRIOS

#### A infância de Tila

Tila em criança era o *Tilushinho*. Rosado, a tocha no nariz, gordinho, as carnes espaciaçadas, era o encanto dos papás, que o achavam muizinho e lhe auguravam um futuro brilhante. *Tilushinho* era obediente e sossegado, não corria, não saltava nem estragava os sapatos. Falava pouco. Só quando as mais instantes necessidades se faziam sentir, o menino dizia para a mamã: «Chichi, pôpô, papa, mamã». *Tilushinho* passava dias inteiros calado, silencioso e sornio. Uma vez os pais sentiram-se inquietos. Desde manhã cedo que *Tilushinho* não dava sinal de si. Eram quatro horas da tarde e o menino não aparecia. Que será feito de *Tila*? Onde estará, onde não estará... E foi em casa um alvoroço inconcebível. Procuraram o *Tila* debaixo das camas, dentro dos armários, no caixote do lixo e na secretária do avô. Por fim foram encontrar o *Tilushinho*, cabibaxado e tristonho, o dedo no nariz, sentado no W. C. Ao observá-lo o papá, baboso, disse para a mamã: «Repara: são mesmo atitudes de pensador».

**E. R. M. c.**

*Ilustíssimo e Excelentíssimo Senhor Ministro das Colónias.*—E' do nosso conhecimento, mercê dum informação da Arcada que acabamos de receber, o desejo manifestado por grande número de guardas-civís e agentes da policia, perante V. Ex.ª, de serem esses modestos e prestimosos servidores do Estado abandonados as regiões natais e ir procurar, nas vastas extensões de África, campo mais largo para o exercício das suas imprescindíveis funções. Melhor do que nós vê V. Ex.ª, sr. ministro, a vantagem que para o Estado Português podem resultar do envio para as colónias africanas de todos aqueles guardas civís e agentes da policia que de V. Ex.ª impetram a passagem para as colónias. Esta subida mercê, certos estamos de que V. Ex.ª a não recusará. As nossas colónias, apesar da competência, zelo e acertadas medidas de V. Ex.ª, estão ainda num estado, de vizível atraso, e se formos a olhar as populações indígenas, encontramos ainda muito privadas das luzes da civilização. E' preciso civilizar as colónias, sr. ministro. E melhores agentes do que os da judicatura, para levar a cabo tam importante tarefa, (de que depende o progresso da Pátria e da República) não os encontra V. Ex.ª em parte alguma. Dos guardas civís nem é preciso falar. Os méritos desta categoria não há português que os não reconheça, nem estrangeiro que os não confesse. Jáve V. Ex.ª, sr. ministro, que ninguém melhor que os guardas civís pode levar às populações das nossas colónias africanas o pão do espírito. O pão e o ensino. Por todas estas razões, sr. ministro, atrevemo-nos a reforçar perante V. Ex.ª o pedido que lhe foi dirigido pelos guardas e agentes policiaes. Mande-nos p'ra Africa, sr. ministro. E note V. Ex.ª que as altas razões de ordem patriótica nos levam a pedir tal, a pedir o afastamento desses pobres servidores do Estado, por saberem o grande préstimo que do afastamento deles advirá para os povos que os receberem (e ainda, claro está, para a Pátria e para a República). Que quanto ao resto, nem V. Ex.ª calcula, sr. ministro, o pesar que nos alancas, só com pensar que ficaremos privados da presença duns tantos guardas, credores até à morte da nossa gratidão.

**Novas do outro mundo**

Na véspera do primeiro de Maio do ano de 1904 gritaram os pregoeiros nas ruas de Florença que quem quizesse receber notícias do outro mundo fosse no dia seguinte a determinado sitio, nos arredores da cidade e na margem dum ribeiro, entre a ponte de Carraja e a ponte da Trindade. Realmente no dia seguinte, primeiro de Maio, havia no local uma afluência extraordinária. As pontes regorgitavam de multidão. Tratava-se dum espectáculo organizado no ribeiro, que estava coberto de barcas, donde partia fogos de artifício. Alguns figurantes, berrando e guinchando o mais que podiam, representavam as almas, entregues a demónios horroresos... Subitamente, uma das pontes, que era de madeira, abateu ao pé das duas mil pessoas que sobre ela se haviam aglomerado. Assim, caiu a ponte, toda aquela gente marchou... para o outro mundo. Comentário dos organizadores da festa: «Sempre ficam sabendo as verdadeiras notícias que lhe tínhamos prometido».

### De terras de África

As consequências duma selvajaria do ex-governador — Regresso dos deportados — A chegada do alto comissário — Um parlamento — Várias ::::

**LOURENÇO MARQUES, 29 de Março de 1921**

Retomo hoje a pena para exercer meus deveres com a *Batalha* como seu correspondente em Lourenço Marques, porque algo há a dizer sobre sucessos interessantes ao operariado local, coisas que há muito não sucedia.

Já a *Batalha*, numa sua local intitulada *Um governador bárbaro*, deu conta, servindo-lhe de informação o texto dum número de *O Emancipador*, jornal socialista local, da morte do deportado Joaquim de Campos, vítima da greve ferroviária. Mais duas mortes há a lamentar: a de Praça Magalhães e Aires dos Santos, o primeiro vítima das febres e o segundo de um lamentável desastre que o fez perecer afogado, um e outro falecidos em Mocimbo, onde estavam deterrados.

Recebeu-se aqui comunicação, da C. G. T., que o Conselho Jurídico conseguiu que o ministro das colónias telegrafasse ao governador Moreira da Fonseca para que puzesse os deportados em liberdade. Isso de nada valeu. Só quando o governador Moreira da Fonseca soube que o alto comissário havia embarcado, e que, portanto, acabava o seu reinado, é que deu ordem para que todos regressassem. Como não ficava no mando, entendeu que devia evitar que o alto comissário desse o quinquê de mandar regressar os deportados, e deu-lhe ordem para o regresso.

Antes desta ordem, haviam chegado, por terem sido demitidos dos Caminhos de Ferro de Lourenço Marques, os deportados Alfredo Lopes Cristiano e Brás Teixeira e o ex-ferroviário Alves Cardiga, que só uma ordem de não regressar em Lourenço Marques afastara desta cidade, pois não sendo ferroviário na ocasião, não podiam fazer mais que tê-lo afastado, por ser um dos militantes mais activos e mais emérgicos do movimento operário local. Depois, houve ordem para que Fortunato Régio — nas mesmas condições de Alves Cardiga — regressasse, e a seguir, a ordem para que regressassem todos os ferroviários transferidos em comissão, como, torcendo a lógica, o governador quiz que se lhes chamasse, como se se pudessem chamar *transferência em comissão* à permanência de vários ferroviários exilados nos calabouços da Fortaleza de S. Sebastião! Logo a seguir desmobilizaram-se os serviços dos caminhos de ferro, mobilizados desde a greve.

Infim! Acabou a tragédia derivada do último movimento ferroviário, tragédia que causou três mortes, e teve repercussão no estrangeiro, pois o jornal *O Internacional*, órgão da Liga Socialista Internacional da Africa do Sul, publicou um officio da Comissão Pró-Pressos por Questões Sociais de Lourenço Marques, sob o título *O terror branco em Lourenço Marques*, e a Federação Industrial da Africa do Sul e a National Union of Railway and Harbour Servants interessaram-se pelo caso, pedindo a primeira um relato, destinado à Internacional Sindical de Amsterdam, que chegou a enviar-se na esperança do que sucedeu — o regresso.

Foi o próprio deportador quem desfez o mal feito — talvez para não passar pela humilhação de ser o alto comissário quem o fizesse, reprovando assim a sua atitude.

O dr. Brito Camacho chegou aqui em sábado de Aléluia. Hove tolerância de ponto, e o comércio e a industria fecharam. Muita gente no cais mas o entusiasmo era frouxo.

Aqui havia sérias dúvidas de que o dr. Brito Camacho viesse. Não se pode dizer que houvesse alegria e entusiasmo. Está tudo descorado, e tam farta está a população de Mocimbo e de várde esperanças em governadores e vés-las lindas, que não houve palmas e vivas, só os vivas encomendados às crianças das escolas houve. Mas também não houve indiferença, pois acudiu muita gente ao desembarque. Pode dizer-se que despertou uma sensação de curiosidade, a vinda do alto comissário.

Houve discursos a ródos. De notável, porém, só houve o discurso do dr. Brito Camacho, que disse, em sùmula, que achava urgente, como base de cálculo, o censo exacto da população, para se saber se a Província pode continuar a dispensar para fora mão de obra indígena; prometeu equilibrar o orçamento provincial afim de se realizar um grande empréstimo de fomento, cortando as verbas parasitárias; prometeu proteger a marinha mercante nacional, estudar a questão do regime monetário *vi governar*, e não fazer politica, o que não a fazendo ele não consentirá a ninguém que a faça, e terminou por dizer que o regime do empenho acabaria, pois para ele só conhece um empenho a sua própria pessoa.

Agora há uma notável curiosidade em ver o que o dr. Brito Camacho fará. Há muito quem diga que ele tem faculdades para fazer um bom governo, dentro dos poderes de que vem investido. A ver vamos, porém.

Dentro de sessenta dias deve estar constituído o Conselho Legislativo de Mocimbo, que, portanto, miniaturou a lei da direita a ingressar em delegação operário e um representante dos pretos. Não sei o que farão as organizações operárias. Aqui, como em responsabilidade anterior disse, pense-se em acabar com as raquíticas organizações de classe e formar um sindicato único. Esbarrou-se no facto de estar mobilizada a classe mais numerosa: o pessoal do porto e dos C. F. L. M.

### UMA DATA OPERÁRIA

#### O 1.º de Maio através do país

**As manifestações do proletariado**

**No Porto**

No comício público que se realizou na Alameda das Fontainhas, no Porto, e que foi violentamente disperso pela policia, como dissemos, tinha de ser submetida ao povo uma moção, que não o foi pelos factos apontados. As directões dos sindicatos, reunidas depois disso, aprovaram por unanimidade essa moção, que tem as seguintes conclusões:

- 1.º Promover por todas as formas ao seu alcance o cumprimento integral do regime de 8 horas de trabalho;
- 2.º Levantar desde este momento uma campanha objectivando a consecução da mais ampla liberdade de reunião, de associação e livre expressão do pensamento pela palavra ou pela imprensa, bem como a revogação de todas as leis de excepção e respectivos tribunais e subsequentes libertação imediata de todos os presos por delitos emergentes da questão social;
- 3.º Protestar activamente contra os esboços das máximas e mínimas do abastecimento público, que pelas suas alcavalcas e negociações tem promovido e estabelecido a impossibilidade de viver;
- 4.º Que a aprovação desta moção marque uma nova etapa na organização da classe trabalhadora no sentido de ver realizadas as conclusões antecedentes;
- 5.º Que esta moção seja enviada à Confederação Geral do Trabalho, para esta lhe dar o destino que julgar mais próprio.

**Em Faro**

FARO, 5.º.—Promovida pela União dos Sindicatos Operários, realizou-se no dia 2 uma sessão comemorativa do 1.º de Maio. Não se efectuou essa sessão no dia próprio, como era desejo da grande parte do operariado local, porque, infelizmente, muitos trabalhadores desconhecem ainda a noção dos seus mais sagrados deveres.

Porém, apesar disso, realizou-se no dia seguinte uma importante sessão de homenagem ao 1.º de Maio, que revelou o mais alto significado e regozijo entre a numerosa assistência que encheu o vasto edificio da R. D. O.

Regresso uso do palaneta João Antunes Rodrigues e Manuel da Silva Campos, delegados da C. G. T., Carlos Coelho, delegado da F. C. C., João Cavalheiro, ferroviário, e outros, que prenderam por largo tempo a atenção da assembleia, sendo muito aplaudidos.

Antes de encerrar a sessão, que terminou com entusiasticas vivas a *Batalha*, C. G. T., etc., foi aprovada por unanimidade uma moção, com as seguintes conclusões:

- 1.º O operariado de Faro, reunido em sessão pública, a convite da U. S. O., resolve:
- 2.º Exigir dos poderes constituídos a liberdade de associação, reunião e expressão de pensamento;
- 3.º Revogação de todas as leis de excepção e dos respectivos tribunais;
- 4.º Liberdade imediata de todos os presos por questões sociais.

**Em Lagos**

LAGOS, 5.º.—As classes operárias organizadas desta localidade promoveram uma sessão magna para comemorar o dia 1.º de Maio e votar os pontos a que se refere a circular da C. G. T.

Falaram Francisco Duarte, António P. P. P., Domingos Gonçalves, José de Barros e Estevão de Melo, que se sentem «coisados pela forma como o operariado sempre concorreu à sessão, demonstrando a sua consciência, alargada em consequência das lutas ténicas desenvolvidas pelo proletariado internacional contra a casta burguesa, protestando contra as perseguições em Espanha, sendo todos os oradores muito aplaudidos.

Antes de encerrar a sessão, o camarada Manuel Pinto esclareceu que fazendo parte duma comissão para tratar daquela comemoração, lhe foi dito pelo administrador que não podiam fazer-se protestos contra as autoridades espanholas, mas consentiu que se tocassem hinos proletários, pois de clemência encerrado o sindicato, para o que havia recebido ordens nesse sentido.

Apesar disso, o povo protestou contra as perseguições ao operariado espanhol e os hinos proletários foram executados.

A sessão terminou no meio de grande entusiasmo, sendo erguidos muitos vivas à *Batalha*, C. G. T., emancipação dos trabalhadores, etc.

Escreve-nos o camarada Tomás Negócio, secretário geral da União dos Sindicatos Operários de Alameda, a dizer-nos que este organismo não tem responsabilidade alguma no resultado do comício realizado em 1.º de Maio, porque a actual comissão administrativa tomou posse apenas cinco dias antes, não tendo, portanto, tempo para fazer mais do que fez.

### A reacção na Itália

**A dissolução do parlamento**

Depois da terrível obra de repressão exercida por todo o país, Giolitti, entendendo que é este o momento mais adequado para também se fazer uma limpeza ao parlamento, resolveu dissolver o e fazer novas eleições, que darão todas as probabilidades da vitória aos partidos da... ordem.

Para justificar essa decisão deu-lhe as seguintes explicações:

«Desde o tempo das últimas eleições gerais até hoje, as condições da Itália mudaram substancialmente. Assim, a Câmara actual, no que diz respeito à atitude a tomar perante estas novas condições, não representa já a vontade do país.»

Passado aquele período de vagas aspirações revolucionárias, que foram e são sempre um grave obstáculo a todo o verdadeiro progresso, seria lógico que os trabalhadores convidassem todos os seus representantes a tomarem parte activa na vida politica, ou que af se limitassem, pelo menos, à função de criticar.

Apesar de declarar que considera já passado todo o período das vagas aspirações revolucionárias, Giolitti, todavia, como quem quer ainda ir ao encontro de algumas delas, diz que se torna urgente a resolução da questão dos latifúndios, dividindo-os em pequenas propriedades ou dando-os a cultivar a colectividades dos camponeses.

**O «lok-out» na «Fiat»**

Como sucedem em todas as officinas metalúrgicas da Itália, quando os operários se outparam em Setembro do ano passado, os directores da fábrica *Fiat*, de Turim, acitaram, obrigados pelas circunstâncias, um regulamento para o funcionamento duma comissão de operários com plenos poderes para se imiscuir na vida interna da fábrica e em todos os restantes serviços, facto este que foi considerado como uma grande vitória por parte dos vários dirigentes do movimento operário socialista. Os revolucionários sinceros, pelo contrário, consideraram então essa vitória simplesmente uma derrota, afirmando que em ocasião oportuna o patronato, novamente entrincheirado dentro das fábricas, saberia proceder de forma a que ficasse sendo como dantes o senhor absoluto, e isto que disseram está-se agora verificando.

Foi a *Fiat* em Turim, a primeira fábrica que, baseando-se no facto de que o novo regime permite muitos abusos e muitos actos de indisciplina, começou a luta contra os operários, acabando por declarar o *lok-out*, que já dura há alguns dias, e que, sem dúvida, vai ser imitado em breve por muitas outras fábricas.

**Os crimes dos fascisti**

Em sinal de protesto contra o assalto da Câmara do Trabalho pelos fascisti, o proletariado de Leorne declarou a greve geral no dia 15 do mês passado.

Ar tarde, numa das ruas da cidade, houve um sério encontro com um bando de fascisti, associando-se à luta os moradores das casas vizinhas.

Os carabinieri e a guarda régia acudiram então em auxilio dos correligionários, assaltando as casas, e prendendo em massa os seus habitantes. Num centro republicano ofereceram-lhes grande resistência, mas os assaltantes sempre lá conseguiram entrar, devastando tudo e prendendo quatro pessoas.

Do conflito resultaram dois mortos e muitos feridos.

### NA CHINA

**Ditadura militar**

TIEN-STIN, 10.º.—Três importantes chefes militares chineses conferenciaram nesta cidade e decidiram impor uma remodelação no gabinete. O presidente do gabinete, não pode opor-se a estas imposições, e tem que obedecer às ordens ditadas pelos chefes militares. — *Rádio*.

**Na Suécia**

Foi abolida a pena de morte

STOCKOLMO, 10.º.—Foi abolida a pena de morte pelas duas casas do Riksdag sueco. Esta resolução foi muito bem recebida no público. — *Rádio*.

recolheram ao hospital dez feridos, dos quais alguns em estado grave.

Em Reggio Emilia, Veneza, Siracusa, Rovigo, etc., também tem havido idênticos acontecimentos.



surpreendentes trabalhos  
da grande companhiae magnifico concerto  
musical

HOJE NO

COLISEU

às 21,30

## O COMUNISMO NOS TRIBUNAIS

## O julgamento dos dez

## Uma tentativa da reacção francesa miseravelmente falida

M. Sangnier. — Estou surpreso e regozijo-me por encontrar um antigo camarada destes encontros, mesmo aqui, dia sempre prazeroso.

Com efeito, não só há 20 anos, mas sempre, disse que tínhamos o dever de pôr a nossa conduta em conformidade com as nossas ideias, e de ir até ao fim do pensamento, disse que a liberdade era, não somente um direito mas um dever, porque há um dever de liberdade, e justamente por isso que eu dizia há pouco que os acusados de hoje, tendo exprimido o seu pensamento por julgarem ser essa a sua obrigação, devem fazer inclinar o júri não digo para a indulgência mas para a justiça, para a liberdade.

Resta a grave questão a que o senhor acaba de aludir. Nós afirmamos

que todos devem agir completa e absolutamente segundo as suas ideias; é certo; e então a pergunta que surge é esta: se a consciência dum homem o leva a cometer um acto considerado como um crime, que deve ele fazer? É claro como o dia que esse indivíduo ou porque tenha uma consciência pouco esclarecida, deformada, ou porque não seja realmente um crime o acto tido por criminoso, — se a sua consciência lhe ordena qualquer coisa, ele deve obedecer-lhe.

Torres, advogado. — Eles não agiram: pensaram e exprimiram o seu pensamento. O corpo de delito aí o tem: são todos esses documentos que lhe não foram dirigidos, que não emanam deles, documentos que não são mais que a expressão dum pensamento

e que ali repousam, naquela urna de cristal, como uma munição envolvida nas suas faixas. Eis a acusação.

Monatte. — Os acusados estão inocentes, mas houve violação da lei de 1884, houve violação da liberdade individual. E se nós aqui estamos inocentes há culpados em qualquer parte, e, assim, bem poderia suceder que este banco se transformasse em tribuna de acusação.

O presidente. — Nada há que pedir ao sr. Marc Sangnier para pronunciarse sobre a legalidade da acção sobre a suficiência do corpo de delito. São os jurados que têm de pronunciarse, depois de terem ouvido a acusação.

Depois de Sangnier falar Vadeкар, aludindo-se de novo à questão da greve, Vadeкар, camarada de Monatte, confirma o depoimento de Blacher.

## Barbusse

O advogado Thaan. — Não tenho necessidade de apresentar-lhes o sr. Henry Barbusse. Há homens, mesmo tendo escrito muito, cuja glória é feita por um único livro. Quando se escreveu *Le feu*, não há necessidade de procurar novos fundamentos para a sua glória literária.

Sr. Barbusse, deixe-me fazer-lhe uma pergunta: Qual é o valor moral dos homens em nome dos quais os fiz

e qual é o valor moral das ideias defendidas por eles?

Barbusse. — Conheço muitos dos acusados por ter estado diferentes vezes em relação pessoal com eles, quer por correspondência, quer directamente. Embora eu não faça política militante, a orientação que imprimi aos meus trabalhos literários aproximou-me daqueles que, num plano mais imediato, mais positivo, mas na mesma direcção, se ocupam da luta social.

Estou pois ao corrente dos trabalhos e da acção de Souvarine, de Monatte, de Loriot, de Monmousseau e de Hanot. Conheço-lhes a vida pública e o carácter. E afirmo que não há homens mais leais, mais justos, mais interessados. E' com inteiro conhecimento de causa que atesto que esses homens estão bem acima de quaisquer considerações de interesse pessoal, que são absolutamente incapazes duma verga maquiavélica, duma manobra equívoca.

Trago aqui a homenagem que todos os intelectuais, todos os trabalhadores do espírito devem trazer aos homens que encarnam uma doutrina social, sendo esta não a expressão de reivindicações incoerentes, anarquistas e odiosas, mas a expressão mais alta e mais completa da revolta do espírito humano contra a tirania secular das instituições. Supomos que as instituições não mu-

daram fundamentalmente desde o começo da história e que, sob a miragem de palavras novas ou de alguns aperfeiçoamentos superficiais, continuam baseadas sobre privilégios, isto é, sobre o princípio injustificado dos poderes arbitrários que a evolução económica fez passar da classe aristocrática à classe rica mas sempre em detrimento do interesse geral dos homens.

A massa humana, sempre sacrificada, serviu continuamente e serve ainda de instrumento e de arma para os especuladores particulares de dominação e de lucro.

Contra este desequilibrado estado de coisas de que resultam todas as desgraças públicas, os massacres históricos dos homens, e que se mantêm por si por estar estabelecido, o coração e a razão edificaram pouco a pouco um idealismo de revolta, desenhando um novo plano de sociedade, restituindo a conduta das sociedades humanas aos próprios homens. Acima de todos os protestos, acima das queixas — inúteis porque se dirigem às consciências e não às causas, — acima das teorias republicanas e democráticas correntes nas modernas épocas, teorias que, embora constituindo uma magnífica vitória do progresso, abortaram por não atingirem as verdadeiras origens do privilégio e da injustiça — acima de tudo isso, o comunismo internacional aparece tal

como é: um alvo a atingir. E' a organização geral do esforço do indivíduo, do esforço pessoal.

«Os homens por meio dos quais se exprime hoje essa crença, elaborada à custa de tantos séculos de dores, acham-se em presença dum mecanismo social em que tudo se prende fortemente aos interesses da oligarquia dirigente.

«Em meio das organizações internacionais fundadas sobre o direito do mais forte, sobre a concorrência armada e a energia dos apetites financeiros, em todo este caos, os idealistas reais, que são os socialistas, voltam-se para o senhor soberano das coisas, para todo o povo, dando-lhe conhecimento de seu próprio, mostrando-lhe à luz do sol as razões demasiado evidentes dos seus sofrimentos e das suas eternas derrotas, e inclinando-o a abertamente das necessidades económicas.

«Não se servem de nenhum meio artificial. Se a violência e a corrupção se puderem no seu caminho, eles os desarmados e pobres. Servem-se unicamente da verdade. Não há propaganda de que se possa dizer dizer com mais justeza que vence com as suas próprias forças. A própria evidência que essa propaganda contém é que lhe dará um dia uma vida histórica.

«Tal é, na minha opinião, o verdadeiro carácter e as verdadeiras dimensões do complot que tendes a julgar. Pro-

cura-se desesperadamente encontrar pretextos para assimilar vastos fenómenos de evolução e clarificação dos espíritos a uma história de conspiração subterrânea para levar-vos, srs. jurados, a condenar como criminosos aqueles que unicamente lutam pelo livre direito de exprimir uma opinião honesta, que se recusam a curvar-se servilmente perante a ordem oficial e a renunciar a esperanças que residem afinal no futuro da razão e das consciências humanas. Eu, por mim, considero-os os continuadores da obra audaz dos sábios da antiguidade, e inclino-me perante eles.

## Sirolle

Sirolle fora citado a requerimento de Bott, que o tinha conhecido na Santa. Sirolle pode declarar apenas que Bott é extranho à proclamação da greve ferroviária, visto não ser ferroviário. Sirolle, que também fora citado no ato de Maio, trabalhou para os sindicatos ferroviários de Paris, estabelecendo um plano de abastecimento.

(Continua)

## Tribuna Indígena

A abrir

As inaugurações esta sessão nas colunas de *A Batalha*, as nossas primeiras palavras são de desinteresse e saudade à Confederação Geral do Trabalho, composta de vítimas do capitalismo, como nós, e a este intrépido diário, que tem sido, através dos mais perversos ataques e infâmias perseguições, o porta-voz não só das organizações operárias do país, mas também o defensor estrénuo de todos os escravos do mundo. Através das suas colunas cimentadas na dor dos mais angustiosos sofrimentos, sente-se, por isso, e cada vez mais forte, a palpitação, o frémito, a ansiedade heroica das multi-ões, em toda a parte, enfim rebeldas contra todas as tiranias.

Que importa que, por esse facto, *A Batalha* seja o alvo preferido das iras de todos os déspotas? A sua volta, cerrando fileiras, comprimindo-se no entusiasmo intraduzível das horas sublimes que antecederam as grandes tragédias de história, massas compactas de vilipendios e escarnecidos formam uma cadeia indissolúvel com as mais extremas dedicações e vivas simpatias. A forma inteligente como este jornal tem posto a questão colonial, o modo carinhoso como tem defendido as reivindicações dos indígenas africanos grangearam-lhe a estima e solidariedade destes.

Essa solidariedade será dia a dia tanto mais forte e extensiva, quanto mais o povo trabalhador europeu e o da África se conhecerem melhor, conjugando os seus esforços para um fim comum de emancipação económica e social. Os indígenas da África Portuguesa colheirão nesta tribuna os elementos indispensáveis à aquisição de eficazes métodos de luta e o operariado português da Europa terá, por intermédio desta secção, conhecimento exacto da situação vexatória e intolerável em que se encontram há tantos séculos os seus irmãos de cor. E então se verá como tem sido horrendo o martírio penarvel do povo africano, duplamente esmagado pela desigualdade económica e pelo absurdo preconceito de raças. Nesta tribuna procuraremos, sem facciosismos, esclarecer a consciência nacional, submeter à *mala diei* das suas sentenças inexoráveis, actos autênticos de banditismo, de violências tremendas que esse povo de África — mártir tem sofrido por parte do capitalismo, das autoridades, do militarismo, dos impostos e do ódio, ávido de ouro, de sangue, de glorificações pomposas à custa das mais torpes carnificinas.

## MULTIPLS

**A BATALHA** Vende-se em Oeiras na casa do Sr. Joaquim Pimentel.

**A BATALHA** NA PROVINCIA NOS ARREDORES

## CASCAIS, 6.

O operariado e *A Batalha*. — Aniversário da Sociedade Musical.

É profundamente lamentável que, havendo na imprensa diária um órgão defensor da classe trabalhadora portuguesa, não haja trabalhadores que auxiliem a imprensa burguesa e reaccionária.

*A Batalha* vende-se regularmente em Cascais, mas podia ter maior venda se a maioria dos operários a adquirisse.

Gostaria imenso amanhã ver absolutamente o contrario do que acima digo e que todos os trabalhadores compreendessem que não devemos fazer, por todas as formas, guerra à burguesia tal qual ela nos faz. Que todos os trabalhadores se compenem desta luta grande verdade, são os meus ardentes desejos.

Auxílios, pois, *A Batalha*!

Passando no dia 11 do corrente o 7.º aniversário da Sociedade Musical de Cascais, a Direcção resolveu solenizar essa data da seguinte forma:

A's 18 horas, romagem ao cemitério da Guia afim de ser colocada uma lápide na sepultura de José Félix da Silva, que foi um distinto amante de música, a quem a Junta da Sociedade deve relevantes serviços.

A's 22 horas, sessão solene na sede da Sociedade para descerimento do retrato do mesmo.

No dia 22 do corrente também se realiza um pic-nic no Pinhal da Marinha, promovido pela mesma Sociedade e o Grupo Dramático e Sportivo de Cascais, sendo o ponto de partida no Jardim da Parada, às 10 horas do mencionado dia. — (C.)

## Para uma lápide

O tesoureiro da comissão pró-lápide a colocar no cova de Alfredo Henrique Viana, morto quando dos últimos acontecimentos no Porto, comunicou-nos que recebeu a lista, n.º 16, a cargo de Domingos Ferreira Apolónia, assinada em 14 de Construção Civil do Porto, e actualmente em Tuiel (França), com as seguintes importâncias:

Domingos Ferreira Apolónia, 10 francos; Casimiro da Silva, 15; Manuel Ferreira Dias, 5; Manuel Francisco dos Santos, 5; Rodrigues, 5; José Pinto, 5; Manuel Lopes, 5; Francisco da Silva, 5; Total, 85 francos.

## No Teatro de S. Bento

Gâmara dos deputados

Com 31 membros, começou ontem a funcionar a câmara.

Falou o sr. Eduardo de Sousa sobre a inconstitucionalidade da lei que guardou serviços militares prestados à república quando da sua implantação, enviando um projecto de lei revogando-a.

Discute-se depois a proposta do ministro da guerra ampliando a lei de amnistia em favor de crimes em campanha na grande guerra. O sr. Orlando Marçal apresenta, em seu nome e no do sr. Afonso de Macedo, um artigo novo amnistiando infracções e penas disciplinares de oficiais e praças de pret. O ministro da guerra faz algumas considerações sobre esses documentos e o sr. Plínio da Silva requer que a proposta seja retirada da discussão para continuar amanhã, antes da ordem. A lei da votação deste requerimento, o seu autor desiste dela, sendo rejeitada a generalidade da proposta, votando-se as emendas do proponente e ainda outras, ficando com uma nova redacção.

Em negação urgente, o sr. João Gonçalves reata as considerações interrompidas há dias, sobre assuntos do ministério da agricultura, acabando por propor uma comissão parlamentar de inquérito aos contratos de trigo e a outros. Requerue imediata discussão.

O sr. Orlando Marçal estranha que tenha sido demorado o debate da sua proposta amnistiando os crimes comuns com origem em factos políticos.

Rejeitam-se a urgência e a dispensa do regimento para o projecto do sr. Eduardo de Sousa, requerendo este senhor a contra prova, verificando-se em parte na votação, e anunciando-se que ela se repetirá hoje.

O sr. Cunha Leal requer, aprovando-se, que depois da discussão e votação da proposta de lei sobre a Agência Financeira do Rio de Janeiro e do projecto do sr. Orlando Marçal, entre imediatamente em debate o orçamento, reservando-se para ele todos os dias metade do tempo destinado à ordem do dia.

Prosegue em seguida a apreciação da proposta respeitante à Agência Financeira.

O sr. Rêgo Chaves considera a questão aberta e faz sobre ela demoradas considerações, dizendo que o governo fará entregar a administração desse organismo à Caixa Geral dos Depósitos.

O sr. Cunha Leal analisa as relações do Brasil com Portugal e fala nas paixões nativistas que naquele país andam exacerbadas.

O ministro das finanças manda para a mesa duas propostas de emenda.

O sr. Ferreira da Rocha esclarece o dr. Rêgo Chaves acerca da atitude do partido liberal em face do governo e depois amplia o exame que já há dias fizera à situação da Agência em face da legislação brasileira.

Quanto à conveniência de transferir a Agência Financeira para a Caixa Geral dos Depósitos, declara que não a encontra e acha melhor, para se liquidar o assunto, que o governo aceite uma moção que entregue ao poder executivo a gerência desse estabelecimento. Termina apresentando uma moção nesse sentido, que se admite.

O ministro das finanças diz que não tem attitudes rígidas e, assim, não recusando a moção, só não concorda com algumas das suas palavras.

Não havendo mais ninguém inscrito para o assunto, encerra-se o debate e põe-se à votação a questão prévia do sr. Cunha Leal para que a proposta baixe às comissões. Regeita-se.

O sr. João Salema requer que a moção do sr. Ferreira da Rocha seja dividida em duas partes.

Também se regeita, votando-se a moção do sr. Ferreira da Rocha.

Hoje há sessão.

## JUVENUTOS SINDICATISTAS

Federação das Juventudes Sindicatistas. — Comité federal. — Reúne extraordinariamente hoje, pelas 20 horas, praças, devendo comparecer a esta hora também as camaradas que no passado dia 1.º de Maio foram à província com delegacias da F. J. S. afim de prestarem esclarecimentos sobre os resultados das mesmas.

Conselho Central. — O comité federal convoca as camaradas indigitadas para delegacia a este conselho, por vários Nacionais, a comparecerem hoje na sede da federação afim de receberem cartões-credenciais e entregarem os documentos que os acreditam dos nâdicos respectivos, visto estar muito próxima a primeira reunião do mesmo conselho.

**A BATALHA** encontra-se à venda em Abbeville.

## Vida Sindical

## COMUNICAÇÕES

Operários alfaiates. — Reunião antecedente a assembleia geral desta classe que votou o regimento do conselho técnico e de melhoramentos e o regulamento da oficina sindical.

O conselho técnico apresentou à assembleia geral da classe uma proposta de fazer reclamações aos industriais, manifestando-se a assembleia favoravelmente por unanimidade, considerando o momento oportuno.

Inserções Marítimas. — Na última reunião, entre outros assuntos que se resolveram de interesse para a classe, foi apreciada a circular n.º 1 da U. S. O. Sobre esta circular foi deliberado que seja entregue à comissão pró-preços 100,00 por uma só vez e 500 mensais.

Foi também aprovada uma moção contra as perseguições em Espanha, cujas conclusões são as seguintes:

«Protestar energicamente contra as arbitrariedades cometidas contra a organização operária espanhola e seus militantes, e manifestar a sua solidariedade para com esses camaradas.»

## CONVOCAÇÕES

Federação Nacional da Construção Civil. — Para tratar de assuntos de urgência e de apreciar o manifesto sobre o horário de trabalho e da importação de madeiras, reúne hoje o Conselho Federal, pelas 21 horas.

Litôgrafos e anexos. — Reúne hoje, das 18 às 20 horas, a comissão administrativa deste sindicato, sendo necessária a presença de todos os seus membros, a fim de ultimarem os trabalhos pendentes da última reunião.

Pode-se aos delegados das oficinas que tenham em seu poder dinheiro das listas pró-preços por questões sociais, de os trazer hoje à reunião.

Sindicato Ferroviário. — São convocados a reunir hoje, pelas 21 horas, os corpos gerentes, para tratar de assuntos importantes, sendo necessária a presença de todos os componentes.

Sindicato Unico da Construção Civil. — Comissão administrativa. — Reúne hoje, pelas 21 horas, devendo comparecer todos os delegados.

Federação Metalúrgica. — É convocada a reunir hoje, pelas 20,30 horas, a comissão administrativa desta Federação, para assuntos urgentes.

Compositores Tipográficos. — Reúne hoje, pelas 18 horas, a assembleia geral extraordinária, para se pronunciar sobre uma proposta de um grupo de grevistas que pretendem continuar com a publicação da *Imprensa de Lisboa*, ficando com a parte da propriedade do título que pertence a esta Associação.

Sindicato Unico Mobiliário. — Comissão administrativa. — Para apreciar vários assuntos de interesse, convidam-se a reunir hoje, pelas 21 horas, os componentes desta comissão.

Comissão de melhoramentos e bolsins de trabalho. — Convidam-se a reunir hoje, pelas 18 horas, os camaradas que compõem estas comissões.

**Os bolxevistas** pretendem provocar uma insurreicção na Letónia?

VILNA, 10. — Os bolxevistas concentram forças na fronteira letã, onde se encontra já um grande número de destacamentos vermelhos, julga-se que com o fim de provocar uma insurreicção bolxevista na Letónia. — *Rádio*.

## NA ALEMANHA

Ainda não está formado o novo gabinete

BERLIM, 10. — Os partidos ainda não chegaram a acordo acerca do ultimatum da Entente. A questão do gabinete ainda está por resolver. O sr. Mayer recusou-se a formar gabinete, permanecendo na embaixada de Paris. Cita-se o nome de Stresemann do partido popular alemão, como o que tem mais probabilidades de suceder a Fehrenbach. — *Rádio*.

Onde irão os alemães buscar o ouro que devem

BERLIM, 10. — O professor Ernst Shultze de Leipzig diz no jornal alemão que, a quantia pedida pela entente à Alemanha é cinco vezes maior de que todo o ouro produzido no mundo desde os tempos mais antigos. A entente exige da Alemanha que lhe pague três vezes o custo de todas as grandes guerras desde a revolução francesa, até à guerra mundial. A quantia pedida é, cinco vezes e meia a quantia global dos empréstimos feitos por todas as nações da entente, durante a guerra mundial aos Estados Unidos, e excepto o valor total das exportações alemãs, desde 1871, até 1914, as quais somaram 17.000 bilhões de marcos em ouro. — *Rádio*.

A conferência de Londres

LONDRES, 10. — O correspondente de Times em Paris constata que a decisão do supremo conselho em Londres é objecto da reprovação popular em França, e que a imprensa francesa já diz que o tratado de Londres vai conduzir a Europa para uma nova guerra, ou então para uma verdadeira revolução dentro da Alemanha. — *Rádio*.

## Tribunal de Arbitros Avindores

A' direcção da Associação de Classe dos Empregados de Escritório, tem chegado imensas reclamações contra o que se está cometendo, não se iniciando os julgamentos no Tribunal de Arbitros Avindores.

Um ano esteve sem juiz, cargo esse que há um mês foi preenchido pelo dr. Augusto de Abrantes Ferreira de Figueiredo, que, ao ter conhecimento da sua longa paralisação, gostosamente se ofereceu para exercer esse lugar, faltando agora serem reconduzidos os arbitros, para se dar despacho aos inúmeros processos pendentes, não se tendo ainda feito, motivado ao que parece pela pouca atenção, que o ministro do trabalho vota às vítimas que há longos anos aí tem causas, e que bastantes prejuízos lhe está causando, o que leva aquela Associação, em nome dos reclamantes, a lavar o seu mais veemente protesto contra tal desumanidade.

## OS QUE MORREM

FALECIMENTOS

Faleceu ontem, pelas 15 horas, a menina Maria do Carmo Nogueira da Cruz, filha do nosso camarada tipógrafo Jaime Nogueira da Cruz, e neto do sr. Eduardo Henriques Nogueira, antigo tipógrafo da Imprensa Nacional. O funeral realiza-se hoje, pelas 17 horas, da rua do Sol (ao Rato), Casa das Oliveiras, n.º 10, para o cemitério dos Prazeres.

## TEATROS &amp; CINEMAS

Cooperativa dos canteiros. — Reúne hoje, em assembleia geral, para apresentação do relatório de contas e eleição da mesa.

Cooperativa dos canteiros. — Reúne hoje, em assembleia geral, para apresentação do relatório de contas e eleição da mesa.

A festa artística da inteligente actriz Ilza Stichtin realiza-se no Nacional, em recitação de poemas, com a presença de *Simone*, de *Bricou*.

## Reclames

Hoje, no Nacional, em recitação de moda e representação única, vai a scena a popularíssima peça *A Dama dos Camélias*, uma das mais delicadas e sentimentais obras de Dumas. A parte do protagonista, Margarida Gauthier, é interpretada pela notável e talentosa actriz Palmira Torres, que, nesse papel, tem uma das suas mais belas cenas, estando os outros confidantes a alguns dos principais artistas da numerosa e esplêndida Companhia do Nacional, o que constitui garantia dum magnifico conjunto de interpretação.

O *Pescador de Pérolas* continua sendo a mais recente e brilhante das atrações teatrais.

Para essa peça converge a atenção do público e da critica, que a apreciam, em opiniões desenhadas, mas todas justas e cidas do mérito da obra, pois só o que tem valor real se discute com tam grande entusiasmo.

— Está fazendo um grande sucesso os surpreendentes trabalhos da grande companhia de *Great Carmo* que se está exibindo no Coliseu dos Recreios e que todas as noites tem a mais bela e interessante apresentação. Os números de música executados pela famosa violoncelista e pianista Bernier e pelo distinto violonista Lucien Goldy tem encantado os assistentes que não regateiam aos célebres artistas os aplausos que merecem. Hoje repete-se o delicioso programma que é de molde a satisfazer os mais exigentes.

## CARTAZ DO DIA

NACIONAL — A's 21. — «A dama das camélias»

GINASIO — A's 21,30. — «Negócios são negócios»

SÃO LUIS — A's 21. — «J. P. C.», opereta

POLITEAMA — A's 21,15. — «Paris-Monte Carlo»

TRINDADE — A's 21. — «O Pescador de Pérolas»

AVENIDA — A's 21. — «O Pato»

ALCAZAR — A's 21. — «O Pato»

SALA FOZ — A's 20,30 e 22,30. — «Troia», revista

COLISEU DOS RECREIOS — A's 21. — «Notas da Grande Guerra»

Variedades e Animatografos. — Salões Olímpia, Central, Condes, Chiado Terrace, Anjos, Promotora, Portugal, Clive-Paris, Ideal e Chantier.

## GRANDE ECONOMIA

EPOCA AGRICOLA DE 1921

Seguros de incêndio de searas

A MUNDIAL, devido a um acordo com um poderoso grupo de Companhias estrangeiras COBRA 50 METADE DOS PREMIOS até aqui estabelecidos nos seguros de cereais e palhas.

ALEM DISSO, A MUNDIAL NADA COBRA a título de ENCARGOS ou contribuições pois que estas são por ela inteiramente pagas.

Capital 500.000\$00 — Reservas: 640.696\$14,7

SEDE EM LISBOA

Rua Garrett, 95 — Tel. 4034

DELEGAÇÃO NO PORTO

R. Sã da Bandeira, 331, 1.º

## Sim ou não

Qual será a resposta alemã ao ultimatum francês?

PARIS, 10. — O conselho de ministros reunirá sob a presidência do sr. Millerand no Eliseu, na sexta-feira, 13, e nele será resolvida a atitude definitiva a seguir para com a Alemanha.

Neste dia a noite termina o prazo da resposta da Alemanha e apesar de haver a impressão de que a Alemanha aceitará as imposições aliadas, tendo formado um gabinete para tomar esse encargo, no entanto o refinido do conselho de ministros francês nesse dia, que será um dia nefasto para a Alemanha, impõe-se.

Nalguns círculos há a impressão de que os alemães solicitarão um novo adiamento para que o novo gabinete possa estudar o ultimatum dos aliados, mas Briand declarou que todos os alemães tiveram tempo de sobejo para ler a nota dos aliados e que estes só aceitam uma resposta que diga: «Sim» ou «Não». — *Rádio*.

## OS QUE MORREM

FALECIMENTOS

Faleceu ontem, pelas 15 horas, a menina Maria do Carmo Nogueira da Cruz, filha do nosso camarada tipógrafo Jaime Nogueira da Cruz, e neto do sr. Eduardo Henriques Nogueira, antigo tipógrafo da Imprensa Nacional. O funeral realiza-se hoje, pelas 17 horas, da rua do Sol (ao Rato), Casa das Oliveiras, n.º 10, para o cemitério dos Prazeres.

## ASSOCIAÇÃO DE SOCORROS MÚTUOS O DESTINO

Sede — Rua da Madalena, 201, 2.º

Telefone 3428 Central Lisboa

## 2.ª CONVOCAÇÃO

Cumprindo o preceituado pelos estatutos convocamos a Assembleia Geral a reunir em sessão extraordinária no dia 21 do corrente pelas 21 horas e meia, com a seguinte ordem de trabalhos:

1.ª — Apresentação e discussão do Relatório e Contas da Direcção e do Conselho Fiscal, relativos à gerência do ano anterior.

2.ª — A assembleia delibera com qualquer número de sócios presentes, continuando por espaço de 15 dias úteis no exame dos senhores associados documentos e livros respectivos.

Lisboa, 10 de Maio de 1921.

O Presidente da Mesa da Assembleia Geral  
Virgílio de Mesquita Lopes

## BRONZEADOR

Com prática de trabalhos em ferro, precisa-se oficial e meio oficial. Rua dos Douradores, 80.

## Associação de Socorros Mútuos IGUALDADE